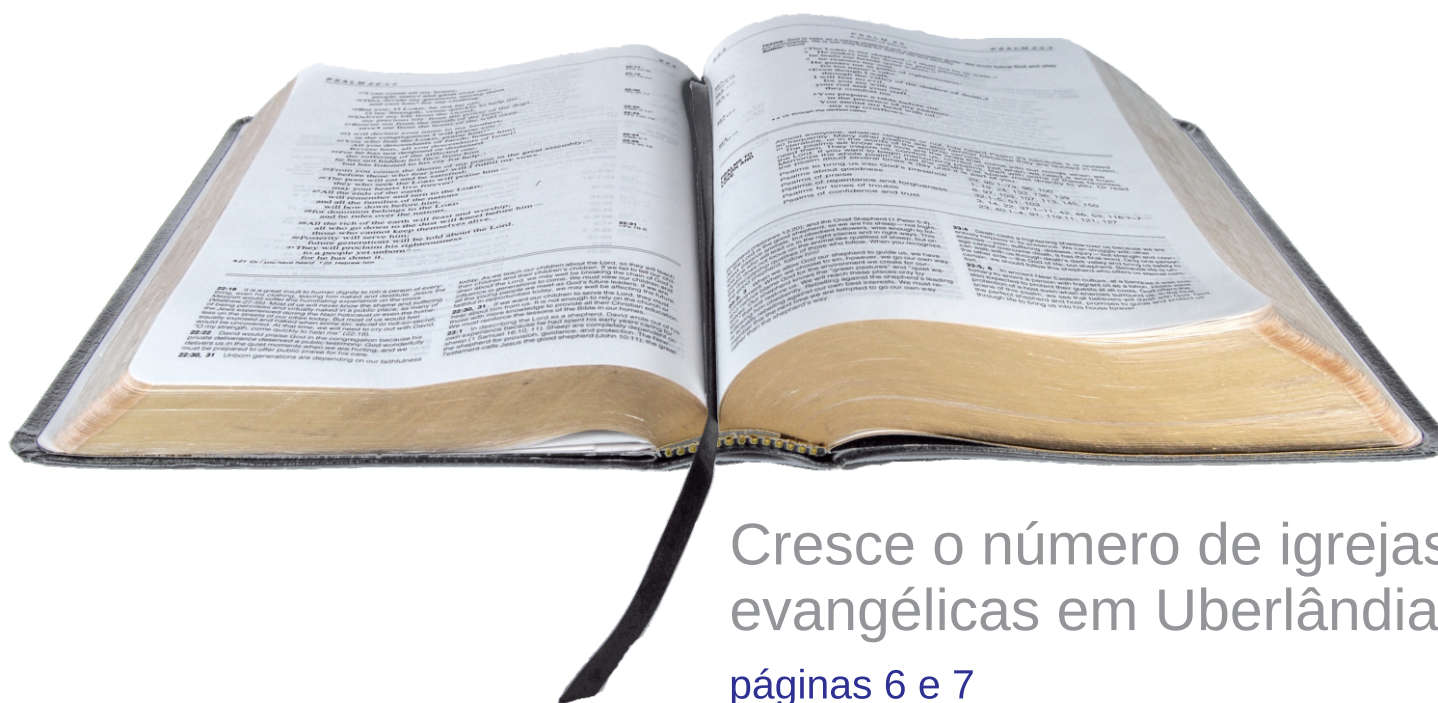




UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

## O milagre da multiplicação



Cresce o número de igrejas evangélicas em Uberlândia  
páginas 6 e 7

### Facip

Pré-vestibular ajuda alunos carentes e com necessidades especiais

páginas 4 e 5

### Pioneirismo

Universidade é primeira do país a adquirir cocho eletrônico

página 9

### Comunidade

Conheça as atividades do Telecentro Comunitário

página 11

# Um novo olhar para a vida

**Paciente lança livro desenvolvido durante tratamento no setor de Hemodiálise**

texto **Ana Beatriz Tuma**  
foto **divulgação**

Daliele da Silva Freitas teve que assumir bem cedo o compromisso de lutar para continuar viva. Por causa de uma doença renal, passou dois anos viajando, três vezes por semana, de Monte Carmelo para Uberlândia. Uma rotina estressante para uma menina de apenas 11 anos que trocou as brincadeiras

com os amigos por sessões de hemodiálise no Hospital de Clínicas (HCU-UFU). O riso e a espontaneidade deram lugar a sentimentos como medo, angústia e frustração.

Por meio do projeto “Psicopedagogia e Educação em Saúde”, da Gerência de Psicologia e Psicopedagogia da Saúde do HCU-UFU, a adolescente, que agora tem 13 anos, encontrou na escrita e nos desenhos uma maneira de expressar sentimentos e inventar um novo olhar para sua história. Assim nasceu o livro *As coisas têm muito jeito de ser, depende do jeito que a gente vê*, lançado recentemente, no setor de Hemodiálise. São textos e ilustrações que revelam o que se passa num hospital, do ponto de vista do paciente.

A responsável pelo projeto, a psicopedagoga Pérsia Karine Rodrigues Kabata Ferreira, explica que o objetivo é transformar as sessões de hemodiálise em um momento de aprendizagem e permitir que os pacientes possam falar sobre os vários sentimentos, quando se descobre ser portador de uma doença crônica. “O instrumento da escrita, da leitura e do desenho oferece oportunidade para que eles superem esta fase difícil do tratamento”.

Há um ano, Daliele foi submetida a um transplante e não precisa mais fazer hemodiálise. No entanto, garante que vai continuar a escrever. A publicação já começa a dar frutos, pois será enviada à Sociedade Brasileira de Nefrologia para ser distribuída aos centros de hemodiálise em todo o Brasil.

Na Hemodiálise do HCU-UFU, a enfermeira-coordenadora, Vanessa Pessoa, conta que a psicopedagogia “ajuda até na relação equipe-paciente, paciente-família e família-equipe”. Emerson Nunes Costa, nefrologista-chefe do serviço, diz que, durante e após as atividades psicopedagógicas, percebe “que o ânimo do paciente muda para melhor”. Em relação ao atendimento, Pérsia afirma que ele é feito “para potencializar o paciente”. Por meio de desenhos, leitura e escrita, como fez com Daliele, ou mesmo de música e brincadeiras, a psicopedagoga ajuda crianças, adultos e idosos a encontrar um novo significado para suas vidas, mostrando que é possível aceitar o ambiente hospitalar: isto é humanização!

## EXPEDIENTE

O Jornal da UFU é uma publicação mensal da Diretoria de Comunicação Social (Dirco) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Av. João Aves de Ávila, 2121, Bloco 1S, Santa Mônica, 38.400-902, Uberlândia-MG. Telefone: 55 34 3239-4350 www.dirco.ufu.br jornalismo@dirco.ufu.br

Reitor  
**Elmiro Santos Resende**

Vice-reitor  
**Eduardo Nunes Guimarães**

Pró-reitora de Graduação  
**Marisa Lomônaco de Paula Naves**

Pró-reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis  
**Dalva Maria de Oliveira Silva**

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação  
**Marcelo Emílio Beletti**

Pró-reitor de Planejamento e Administração  
**José Francisco Ribeiro**

Pró-reitora de Recursos Humanos  
**Marlene Marins de Camargos Borges**

Prefeito Universitário  
**Reges Eduardo Franco Teodoro**

Diretora de Comunicação  
**Eliane Moreira**

Coordenação de Jornalismo  
**Renata Neiva**

Equipe de Jornalismo  
**Frinéia Chaves, Maitê Gugel, Marco Cavalcanti**

Estagiários de Jornalismo  
**Eric Dayson e Vanessa Duarte**

Editora  
**Eliane Moreira (RP525/RN)**

Projeto gráfico e diagramação  
**Elisa Chueiri**

Revisão  
**Renata Neiva**

Fotografia  
**André Carnero e Milton Santos**

Impressão  
**Imprensa Universitária Gráfica UFU**

Tiragem  
**2000 exemplares**



## Questionário auxilia na construção do Plano Diretor do Campus

Comunidade faz visita técnica ao novo prédio

texto **Eliane Moreira**  
fotos **Milton Santos**

### Documento on-line pode ser acessado até o dia 15 de abril

Até o dia 15 de abril, as comunidades universitária e externa de Monte Carmelo poderão participar das discussões para elaboração do Plano Diretor Físico Territorial do Campus. A ferramenta utilizada é um questionário *on-line*, composto por 15 perguntas, disponibilizado no endereço eletrônico [www.campusmontecarmelo.ufu.br](http://www.campusmontecarmelo.ufu.br). Trata-se de um conjunto de diretrizes que vai direcionar e subsidiar todas as decisões - físicas, ambientais e sociais do novo campus. As demais etapas envolverão diagnóstico, que será elaborado a partir das informações obtidas no questionário, e leitura técnica feita por um grupo de trabalho, formado por especialistas (técnicos e professores da universidade).

O questionário foi apresentado no dia 6 de março, durante o “I Seminário: UFU em expansão”, realizado em Monte Carmelo. O encontro marcou o início das discussões em torno do Plano Diretor e

contou com a participação do reitor da UFU, Elmiro Santos; do vice-reitor Eduardo Nunes; do prefeito universitário, Reges Teodoro; do diretor de Infraestrutura da UFU, Antônio Carlos dos Santos; dos pró-reitores e do prefeito municipal, Fausto Nogueira, além de autoridades locais. “Queremos a participação de todos, trabalhando coletivamente, em um ambiente democrático. Precisamos abrir o processo de discussão. Vamos trabalhar no sentido de preservação, de um prédio sustentável, da construção de um campus feito para pessoas”, ressaltou Elmiro Santos Resende.

O prefeito de Monte Carmelo, Fausto Nogueira, destacou que a universidade pertence a uma microrregião que abrange cerca de 10 municípios, uma população de aproximadamente 100 mil habitantes. “A grande esperança de Monte Carmelo e região está depositada no crescimento desse campus. Vamos trabalhar para atender a UFU, viabilizando toda a infraestrutura, como água, esgoto, energia, telefonia”, disse.

### Logomarca

Durante o seminário, foi lançada também a logomarca “UFU em expansão”, criada pela professora Sabrina Maia, da Faculdade de Ar-

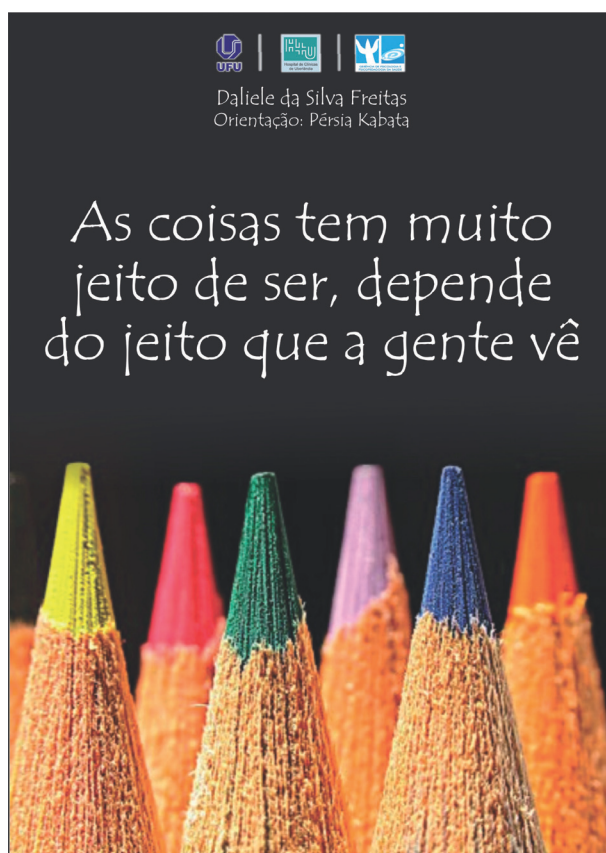
quitetura, Urbanismo e Design. A logomarca, de acordo com o diretor de Infraestrutura, Antônio Carlos Santos, expressa aspectos como expansão, cidadania e sustentabilidade. Na sequência, houve a mesa-redonda “Campus Universitário e Cidade”, com a participação do professor Luiz César Macedo, da Faculdade de Direito da UFU, da professora Beatriz Soares, do Instituto de Geografia da UFU, e do professor Adilson Macedo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Os trabalhos foram encerrados com a apresentação do Grupo Udi Cello Esemble, orquestra de violoncelo formada por estudantes da UFU e coordenada pelo professor Kayami Satomi, do curso de Música.

### Campus Monte Carmelo

O Campus de Monte Carmelo iniciou suas atividades em 2010 e oferece três cursos: Agronomia, Engenharia de Agrimensura e Cartográfica e Sistema de Informação. Atualmente, as atividades são desenvolvidas, provisoriamente, na sede do Serviço Social da Indústria (Sesi). O novo campus está sendo construído em uma área doada de 242 mil metros quadrados. A previsão é que a construção do primeiro bloco, com 5.500 metros quadrados, seja concluída no fim do segundo semestre. O prédio contém salas de aula, biblioteca, setor administrativo, áreas de convívio e de apoio, sala de professores e laboratório de informática.



Prefeito Fausto Nogueira disse que novo prédio receberá infraestrutura necessária para o funcionamento



O lançamento do livro ocorreu em março deste ano

# Inclusão transformadora



Pré-vestibular Alternativo Inclusão aprovou 15 estudantes em universidades públicas no ano passado

texto e fotos Maitê Gugel

Faculdade de Ciências Integradas do Pontal oferece pré-vestibular para alunos carentes e com necessidades especiais

O sonho de ingressar em uma universidade pública está se tornando realidade para muitos estudantes de Ituiutaba e região. Isso graças ao projeto Pré-vestibular Alternativo Inclusão, da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (Facip), um cursinho preparatório gratuito voltado para o ingresso de pessoas de baixa renda no ensino superior por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Oitenta estudantes estão matri-

culados nas duas turmas oferecidas em 2013, uma à tarde e outra à noite.

O cursinho oferece aulas de todas as disciplinas cobradas pelo Enem, que são ministradas voluntariamente por estudantes de graduação da Facip. Uma das propostas é dar oportunidade para que pessoas que não frequentam a sala de aula há muito tempo retomem os estudos. Enquanto à tarde a turma é constituída majoritariamente

por jovens que acabaram de concluir o Ensino Médio, à noite o perfil de estudantes são trabalhadores. “Temos alunos que trabalham na Facip durante o dia, prestando serviços terceirizados de limpeza ou segurança, e frequentam as aulas durante a noite. Também há vários estudantes que trabalham no corte de cana-de-açúcar”, conta o coordenador do Projeto, Adriano de la Fuente, técnico administrativo em educação no campus Facip.

Para Adriano, oferecer a alunos que não teriam condição financeira de arcar com a mensalidade de um cursinho a oportunidade de rever os conteúdos do Ensino Médio não é o único mérito do pré-vestibular. “Desempenhamos um papel muito importante de motivação, de mostrar para os estudantes que eles têm condições de ser aprovados em um processo seletivo concorrido”, analisa.

A combinação de conhecimento e motivação já tem dado resultados significativos. Dos 30 alunos que concluíram o curso em 2012, 15 foram aprovados em instituições como UFU, Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) e Instituto Federal Goiano (IFG). Leticia Silva Freitas, de 18 anos, e Larissa da Silva, de 17 anos, estão entre os estudantes que conquistaram uma vaga. Após um ano utilizando a bicicleta como meio de transporte de suas casas até o campus da Facip, as duas foram aprovadas no curso de Matemática da Facip/UFU. Leticia conta que entrar numa universidade sempre foi um sonho para ela que, agora, se tornou realidade. “Para ter uma boa colocação no mercado de trabalho, é preciso ter curso superior. E o cursinho me ajudou a alcançar meu objetivo”, revela. Para Larissa, o pré-vestibular teve um papel essencial na aprovação. “Eu não teria condições de pagar um cursinho e considero que o apoio dos professores foi fundamental”.

Além disso, ao trazer a comunidade para dentro da universidade, o projeto desperta o desejo de querer fazer parte da instituição e de transformar a própria realidade por meio da educação. Por outro lado, os estudantes também estão ali para ensinar. Quem está se formando para ser professor aprende na prática a lidar com o desafio de encarar a sala de aula e compartilhar saberes. Layra Sarmiento, aluna do 8º período do curso de História da Facip, ministra aulas de História do Brasil e acredita que o cursinho é um espaço de aprendizado também para

ela. “Preparar a aula, a convivência com os alunos, a postura em sala de aula. Tudo isso nos mostra o que é ser professor. A docência é muito mais do que saber e transmitir um conteúdo. Para lecionar bem, é preciso antes de tudo aprender a ensinar”, diz.

Outra ferramenta que garante o desenvolvimento dos professores é uma avaliação que os alunos fazem de cada um deles. Os estudantes respondem a um questionário que envolve aspectos como didática, material utilizado, capacidade de transferir conhecimento, assiduidade, pontualidade, entre outros. A partir dessa avaliação, os professores identificam quais são seus pontos fortes e em quais pontos precisam se aprimorar. Além disso, esse *feedback* é uma maneira de manter a qualidade do cursinho por meio de um termômetro que não falha: a satisfação dos estudantes.

## Inclusão

A palavra “inclusão” no nome do pré-vestibular não está lá por acaso. O projeto não é inclusivo apenas por incentivar o ingresso de pessoas de baixa renda no ensino superior, mas também por atender estudantes com diferentes necessidades. Atualmente, estão matriculados no curso preparatório duas pessoas usuárias de cadeira de rodas e um aluno cego. Miriam Cristina Pinheiro Araújo, de 22 anos, vai tentar uma vaga para o curso de Serviço Social na Facip. “O cursinho está me ajudando a adquirir uma base melhor para poder concorrer com candidatos bem preparados”, afirma. O estudante Henrique Ramos, de 22 anos, perdeu a visão quando tinha 16 anos de idade. Ele pretende cursar Psicologia e acredita que a atenção dos professores para que ele compreenda os conteúdos adequadamente, sem referências visuais, está sendo muito importante para o seu aprendizado. “Não podemos desistir dos nossos sonhos. São os desafios que nos incentivam a sempre buscar evoluir”, conclui.



Leticia Silva Freitas e Larissa da Silva foram aprovadas no curso de Matemática da Facip



Miriam Cristina Pinheiro Araújo vai tentar uma vaga para o curso de Serviço Social na Facip

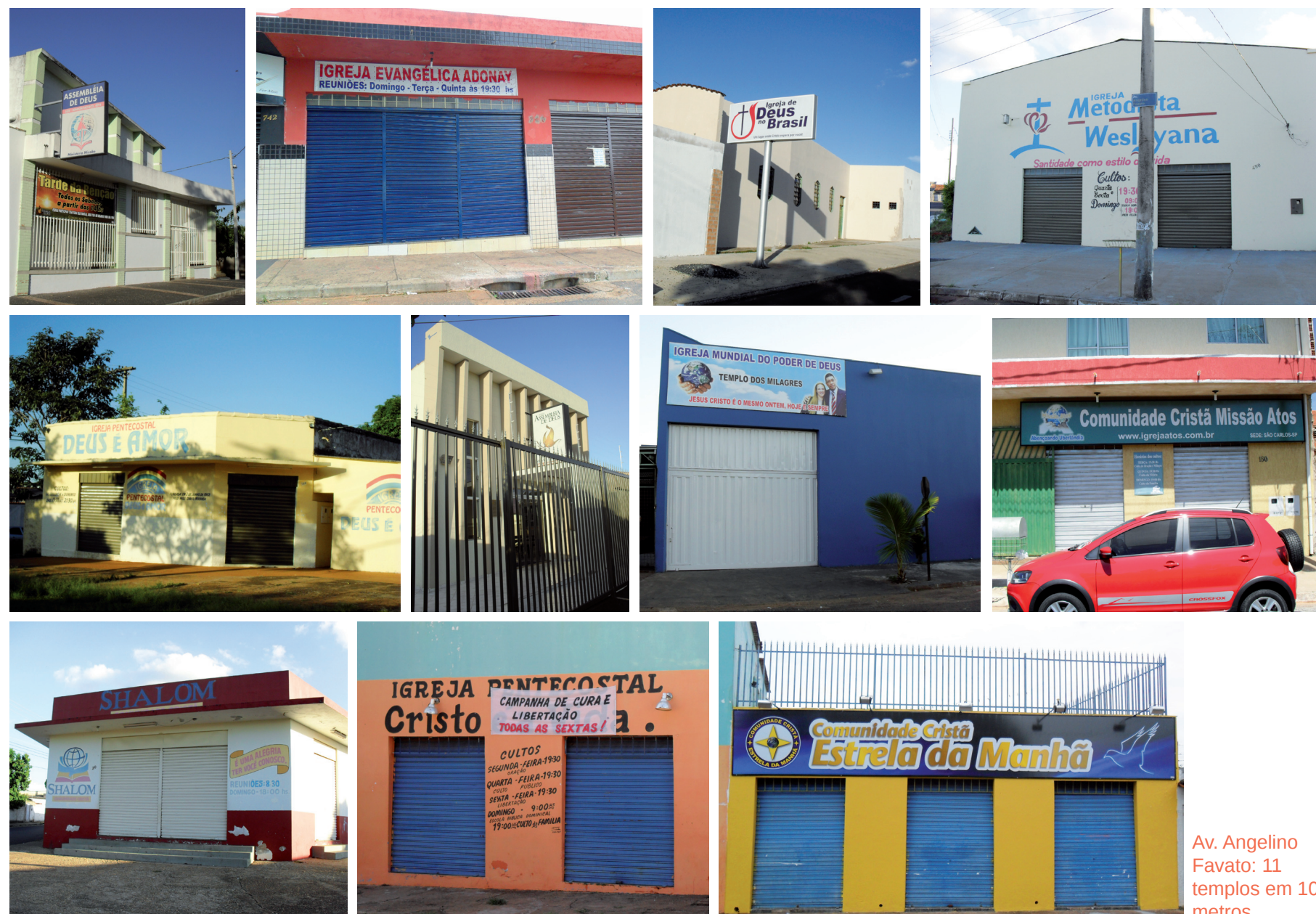


Henrique Ramos pretende cursar Psicologia

# Em nome de Deus

Pesquisador do Instituto de Geografia investiga o crescimento do número de igrejas evangélicas em Uberlândia

texto **Renata Neiva**  
fotos **João Fernandes da Silva**



Av. Angelino Favato: 11 templos em 1000 metros

Deus no Brasil, Assembleia de Deus, Shalom, Metodista Wesleyana, Estrela da Manhã, Missão Atos, Adonay. Estes são alguns dos 11 templos de igrejas evangélicas distribuídos ao longo dos 1000 metros da Avenida Angelino Favato, no bairro Granada, em Uberlândia. A avenida faz parte da região conhecida como Grande São Jorge, que concentra o maior número de igrejas evangélicas no município: são 34 denominações e 78 templos. O cenário é o reflexo

de um fenômeno estudado pelo pesquisador João Fernandes da Silva, do Instituto de Geografia da UFU – a expansão do número de igrejas evangélicas em Uberlândia. Os primeiros dados do estudo revelam que, no município, a média de crescimento é maior do que a média nacional. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2011, hoje 25,23% da população de Uberlândia se declara evangélica. Em todo o País, são 22,2%.

O objetivo do pesquisador é analisar a apropriação do espaço urbano e os motivos que levam as pessoas a buscar essas religiões. O cadastro da Prefeitura de Uberlândia tem 890 templos registrados. Mas, para João Fernandes, existem, pelo menos, 1000 templos evangélicos na cidade. Há três anos, ele percorre vários pontos para entrevistar fiéis e mapear o número de templos e denominações. Uma das constatações é que a expansão das igrejas evangélicas em Uberlândia ocorre, principal-

mente, na periferia. “Isso mostra que Uberlândia é uma cidade atípica, pois, segundo o pesquisador Roberto Lobato Corrêa (UFRJ), nas grandes cidades, as igrejas são estrategicamente instaladas nas principais avenidas, onde há maior movimentação”. Na maior avenida de Uberlândia, a Rondon Pacheco, com aproximadamente sete quilômetros de extensão, há três templos: Assembleia de Deus, Sara Nossa Terra e Sal da Terra. A Avenida João Naves de Ávila, com cerca de seis quilômetros de ex-

tensão, tem cinco templos. A realidade é diferente nos bairros que concentram a população de baixa renda, onde é maior o número de templos religiosos. Um exemplo é a Avenida Solidariedade, que corta os bairros Joana D’Arc e São Francisco. São 15 templos ao longo dos 1600 metros – cada um de uma denominação. No Distrito de Tapuirama, com três mil habitantes, há sete templos. Na década de 1980, era apenas um.

“Às vezes, percebo que, enquanto um templo é fechado, imediatamente abre-se outro no mesmo local, de um dia para o outro”, constata o pesquisador. Hoje, a Igreja Assembleia de Deus é a maior de Uberlândia, com mais de 100 templos. São dois prédios só na Avenida Angelino Favato. Ele destaca também a expansão das igrejas Deus É Amor, Quadrangular e Congregação Cristã, com mais de 40 templos cada uma. A Deus É Amor, por exemplo, conta com seis templos no bairro São Jorge.

### Da terra

Muitas igrejas surgiram em outros países, como a Quadrangular, e em outros estados do País,

como a Metodista Wesleyana e a Universal do Reino de Deus. Mas há também aquelas que nasceram em Uberlândia, como a Igreja Sal da Terra. Criada nos anos 1980 por ex-membros da Igreja Presbiteriana, a Sal da Terra cresce em várias partes do Brasil. Hoje, são 50 templos em Uberlândia.

Mas por que esse movimento de fiéis em direção a essas igrejas? João Fernandes acredita que um dos fatores é a atuação dos pastores e reverendos junto a penitenciárias. Ele destaca também o trabalho corpo a corpo. Muitos fiéis percorrem bairros e chegam até as casas, numa tentativa de conquistar mais e mais membros para suas igrejas. As pessoas são ainda atraídas por promessas de curas. Nas fachadas dos templos, são encontradas faixas com mensagens, como “Você está com problemas? Participe da nossa tarde de milagres”, “Santidade como estilo de vida”, “Pais de joelhos e filhos de pé”, “Corrente da purificação para cura do corpo e do espírito”, “Uma igreja que ama você”. São os “templos dos milagres”. O milagre da multiplicação.

| Ano  | Número de Habitantes | Evangélicos - Uberlândia | Evangélicos - Brasil |
|------|----------------------|--------------------------|----------------------|
| 1960 | 85.971               | 4,9%                     | 4,3%                 |
| 2010 | 604.013              | 25,23%                   | 22,2%                |

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – 2011

| População de Uberlândia (604.013 habitantes) | Católica Apostólica Romana | Evangélica |
|--|----------------------------|------------|
| Número de pessoas                            | 330.564                    | 152.411    |
| Porcentagem                                  | 54,73%                     | 25,23%     |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico - 2010



## Em busca de um projeto de vida

Instituto de Psicologia oferece orientação profissional para estudantes do Ensino Médio

texto **Marco Cavalcanti**  
arte **Elisa Chueiri**

Para uma criança responder à pergunta “O que você vai ser quando crescer?” não é difícil. Mas, com o passar dos anos, o momento da escolha profissional pode gerar dúvidas. Para muitos adolescentes, o medo de errar quando são pressionados a seguir nesta ou naquela direção é motivo de sofrimento. Para ajudar alunos do Ensino Médio a superar esse conflito, o Instituto de Psicologia da UFU oferece o serviço de orientação profissional, ati-

vidade realizada por um grupo de graduandos do curso de Psicologia, sob a coordenação de uma professora. Mais do que decidir por uma profissão, o serviço convida o adolescente a refletir sobre o projeto de vida que almeja ter.

“A proposta é empoderar o adolescente, mostrar o potencial que ele tem, o que precisa fazer para chegar aonde quer e como é que fazemos as nossas escolhas. E para fazer escolhas, você tem que ter informação daquilo que você quer”, explica a professora do Instituto de Psicologia, Carmem Lúcia Reis, coordenadora do serviço. Como observa a docente, não fica claro para o aluno que, ao participar do processo seletivo, ele não está escolhendo uma profissão propriamente dita, mas sim um curso de graduação. “Temos percebido que os adolescentes chegam sem a informação do que é o universo acadêmico. Quais são as possibilidades que existem nesse contexto, o que a universidade

tem a oferecer e como vai acontecer esse processo de constituição do ser profissional”, relata.

Muitas vezes, a escolha está pautada em idealizações, crenças tradicionais, na influência da família, de amigos, da escola ou, até mesmo, nas demandas do momento histórico. Um dos objetivos do trabalho é fazer com que os adolescentes reflitam sobre o que está motivando a sua escolha. Conforme explica Paula Fuchs, graduanda do curso de Psicologia e integrante do grupo de orientadoras, os jovens, geralmente, não têm noção do que está influenciando a sua escolha. Ela cita, como exemplos, a mídia, o retorno financeiro, a pressão dos pais e o preconceito em relação a determinados cursos. “Com a orientação profissional, no entanto, os estudantes não terão, necessariamente, a certeza de qual profissão seguir, mas terão condições de fazer a escolha de maneira consciente e autônoma, sabendo dos determinantes dessa escolha”, observa Fuchs.

Na opinião de Carmen Lúcia Reis, as discussões sobre cursos e profissões são feitas tardiamente e sob muita pressão. “Elas deveriam começar já durante o Ensino Fundamental. Não direcionando para uma escolha, mas apresentando informações que possam ajudar na escolha lá na frente”, argumenta. Talvez, assim, seria sempre fácil saber “o que vamos ser quando crescer”. Mesmo depois de crescidos.

### Novos grupos

A partir de maio, o serviço de orientação profissional atenderá não apenas a alunos do Ensino Médio. Além das 60 vagas, serão acrescentadas outras 20 para estudantes universitários. As inscrições poderão ser feitas em abril. O atendimento é feito na Clínica de Psicologia, Bloco 2C, no Campus Umuarama. Mais informações podem ser obtidas pelo e-mail [orientacaoprofissional@ipsi.ufu.br](mailto:orientacaoprofissional@ipsi.ufu.br).

## UFU compra cocho eletrônico

texto **Frinéia Chaves**  
foto **Milton Santos**

Pesquisas com equipamento devem gerar inovações tecnológicas para mercado

A UFU é a primeira universidade do País a adquirir um cocho eletrônico. O sistema, capaz de medir o consumo individual de alimento dos animais, será utilizado num projeto de análise genética para eficiência alimentar de bovinos e deve gerar inovações tecnológicas para o mercado agropecuário.

A professora Carina Ubirajara de Faria, diretora de Experimentação e Produção Animal da UFU, explica que, por causa da grande competição de mercado, os pecuaristas e as empresas vinculadas à bovinocultura no Brasil precisam adotar diferenciais competitivos para sustentar a lucratividade.

de. “Nesse contexto, as pesquisas desenvolvidas no ambiente acadêmico fornecem a matéria-prima mais importante: informação”, disse.

Um módulo desta novidade foi apresentado no mês passado, durante a segunda edição da Feira de Máquinas, Equipamentos, Implementos, Insumos Agrícolas e Veículos Utilitários (Femec), no Parque de Exposições do Camaru, em Uberlândia, e chamou a atenção dos visitantes.

O equipamento é acoplado a uma balança de forma que todo alimento que entra e sai é computado. O monitoramento via satélite é feito a partir de uma antena que capta o sinal eletrônico do brinco do animal a cada vez que ele se aproxima do cocho. Todos os dados de visita ao cocho e do consumo são enviados para um computador que armazena as informações.

A análise dos dados permite o conhecimento aprofundado de cada animal. É possível identificar, por exemplo, qual deles consome



menos e produz mais. Utilizar estas informações na genética significa poder multiplicar genótipos especialmente selecionados. “Nesse sentido, a influência genética funciona reproduzindo aquilo que o animal tem de melhor”, afirma Carina.

O equipamento adquirido pela UFU tem oito módulos e será instalado na Fazenda Experimental do Glória. Cada módulo permite avaliar oito touros simultaneamente. A cada noventa dias um

novo lote de bois poderá utilizar o sistema.

Além de ser uma opção para a seleção genética, o cocho eletrônico contribui também na preservação do meio ambiente. “Animais mais eficientes têm menor produção de gás metano, devido ao menor consumo de alimento”, disse Carina. De forma direta as pesquisas beneficiam alunos, professores e pesquisadores dos cursos de Agronomia, Veterinária e Zootecnia.

## UFU realiza projeto em escola do bairro Shopping Park

Objetivo é criar materiais didáticos que contribuam com a educação ambiental

texto **Vanessa Duarte**  
foto **Ana Gabriela Faria**

O Instituto de Geografia e o curso de Fisioterapia da UFU realizam um projeto voltado para a produção de materiais didáticos de educação ambiental. Ele será desenvolvido em uma escola municipal de Ensino Fundamental, no bairro Shopping Park, em Uberlândia.

De acordo com Gelze Serrat de Souza Campos Rodrigues, profes-

sora de Geografia da UFU e coordenadora do projeto, a partir de uma pesquisa realizada com moradores do bairro, a equipe percebeu a importância de tratar a temática ambiental. “Considero importante para a comunidade estudantil do Ensino Fundamental, porque os poucos materiais didáticos existentes relacionados à Educação Ambiental são, geralmente, elaborados nas metrópoles, com temas muito distantes da realidade dos estudantes, o que dificulta a discussão da temática, principalmente por parte dos alunos mais jovens do município”, ressalta a coordenadora.

O público-alvo do projeto são principalmente alunos do 6º e 7º anos. “O objetivo é construir materiais didáticos, a partir dos te-

mas ambientais que interessam e instigam a curiosidade dos alunos, por meio da pesquisa participante, e apoiar a constituição de Comissões de Meio Ambiente dentro do contexto escolar”, explica Gelze Serrat.

Para o desenvolvimento das atividades, a coordenadora explica que eles vão contar com o auxílio de professores do Instituto de Geografia e do curso de Comunicação Social, além do apoio do Ministério da Educação (MEC) e da Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (Proex). “Esperamos que o material didático constitua-se em um apoio aos professores na discussão de temas pertinentes à questão, resultando na construção de processos de ensino-aprendizagem que se coadunem com essa problemática e na maior reflexão e ação por parte da comunidade estudantil em direção a uma melhor qualidade ambiental.”

A proposta é fazer um levantamento dos temas que despertam o interesse dos alunos e dos professores e, também, dos materiais ilustrativos e da parte gráfica e textual mais apropriada. “Ao final, será realizada a avaliação e o material será disponibilizado à comunidade. Paralelamente, será oferecido o apoio aos representantes da comunidade escolar (pais, alunos e funcionários

da escola) para a constituição da Comissão de Meio Ambiente, que tem a missão de dar continuidade às ações de Educação Ambiental na escola”, esclarece a professora.

O professor de Geografia da Escola Municipal do Bairro Shopping Park, Lucas Carneiro Machado, está otimista com o trabalho. “Acho as atividades interessantes e adequadas, tanto com a realidade dos alunos quanto da comunidade escolar. Outro aspecto importante do projeto é que ele também propõe atividades envolvendo os demais professores da escola e outras pessoas ligadas ao dia a dia escolar e ao bairro”, afirma o professor.

Segundo Lucas Carneiro, o material didático que será criado vai promover reflexões entre os alunos em relação ao meio ambiente. Ele ainda explica que “além do material didático, o projeto vai provocar um engajamento da comunidade escolar para as discussões sobre essa temática, o que é muito importante”.

Ana Gabriela Faria, estudante de Jornalismo, resolveu participar do projeto por acreditar que ele vai contribuir com sua formação acadêmica e pessoal. “Trabalhar com a comunidade é sempre bom, pois temos a possibilidade de trocar conhecimentos essenciais para a vida. O projeto, em si, irá contribuir principalmente para o aperfeiçoamento de algumas técnicas jornalísticas e também para ampliar meus conhecimentos sobre educação socioambiental”, declara a aluna.

De acordo com Ana Gabriela, as atividades foram elaboradas pensando em atender às necessidades do bairro e contribuir para o aprendizado das crianças. “Estamos trabalhando bastante e temos uma equipe bem preparada para atingir o objetivo principal do trabalho, que é a construção do material didático para a escola no Shopping Park. Espero também que, ao chegar ao final do projeto, a própria comunidade possa dar continuidade às atividades.”



## Um espaço para inclusão digital

O conhecimento adquirido no telecentro vai ajudar Joice a reativar uma ONG

### Telecentro Comunitário oferece curso de informática para professores e pessoas da terceira idade

texto **Marco Cavalcanti**  
foto **André Carnero**

Joice Ferreira tinha uma ONG na mão e um medo na cabeça. Mas, desde fevereiro deste ano, os sentimentos começaram a mudar. As aulas de informática no Telecentro Comunitário do Campus Santa Mônica da UFU a ajudaram a espantar o receio de usar o computador, ferramenta fundamental para reativar os trabalhos da *Mulheres de Ébano*, Organização Não Governamental, fundada por ela.

Aos 72 anos, a moradora do bairro Laranjeiras, em Uberlândia, revela a origem da sua dificulda-

de com os computadores: “Eu tinha medo do vírus do computador. O vírus biológico já é um desastre, imagina o vírus da eletrônica! Eu pensava que ele entrava no olho e comia o cérebro!”, relata sorrindo.

Ela conta que era difícil redigir um ofício ou uma carta porque tinha que depender de netos ou sobrinhos. “Quando vão ensinar para a gente, eles dedilham tão rápido. Você não aprende nada do que eles ensinam”, conta. Foi aí, então, que decidiu fazer o curso.

A *Mulheres de Ébano* tem como objetivo ajudar não só mulheres negras, como o nome sugere (ébano é o nome de uma árvore de madeira resistente, preta e nobre). “Ela é uma ONG versátil. Toda mulher que luta, aquela mulher brava, que enfrenta a vida, que vai em frente, é uma *Mulher de Ébano*”, explica Joice.

Professores da rede pública de ensino e idosos como Joice são o público-alvo do Telecentro, instalado no Bloco 3Q. Ele faz parte do Programa de Inclusão Digital, do Governo Federal, e oferece à popu-

lação curso de formação inicial em informática e conceitos básicos de software livre para edição de textos, tratamento de imagens e preparação de apresentações.

“O curso é para difusão junto à comunidade. Ele não é voltado para dentro da universidade. É da universidade para fora”, ressalta o professor Marcelo Pereira da Silva, diretor da Faculdade de Educação, unidade acadêmica que, desde dezembro de 2012, administra o Telecentro.

Carmen Baccelli, de 74 anos, se matriculou no curso para entender como funciona o computador e utilizar a internet para pesquisa e para se comunicar com familiares e ami-

gos. Ela confessa que as aulas também são um pretexto para não ficar “parada” em casa vendo televisão. “Eu impliquei com televisão. Parece que ela faz uma lavagem cerebral nas pessoas. Televisão hoje é uma perdição”, diz.

Apesar das dificuldades em entender como funciona o teclado e como manusear o mouse, a desventura dos idosos surpreendeu os integrantes do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes – Educomunicação, que acompanham e avaliam as ações no Telecentro. “São pessoas que têm uma capacidade de aprender muito grande”, afirma Kênia Pimenta, aluna de Jornalismo e instrutora.

### TEMPO DE DESPERTAR

Na última seleção, foram oferecidas 10 vagas para professores das redes municipal e estadual de ensino e 20 para idosos. Todos foram selecionados a partir de critérios relacionados em edital.

#### Pré-requisitos para seleção:

- Ser morador de comunidade popular urbana - bairros periféricos, zona rural, espaços/casas populares ou áreas de ocupação, caracterizados por insuficiência ou ausência de políticas públicas (eliminatório).
  - Ter renda mensal no valor de, no máximo, três salários mínimos na data da publicação do edital (eliminatório).
  - Ter idade mínima de 60 anos no ato da inscrição (eliminatório para o curso matutino).
  - Ser professor da rede municipal ou rede estadual de ensino (eliminatório para o curso noturno).
- Outras informações podem ser obtidas pelo telefone (34)3239-4163 (ramal 22).



Escola do Shopping Park abre portas para novas possibilidades

# A primeira ninguém esquece

texto **Eric Dayson**  
(jornalista da 1ª Turma)  
foto **Arquivo e Proformat**  
fotografias

## Um resgate dos primeiros passos do curso de Jornalismo da UFU

Dois de março de 2009. Foi nessa data a aula inaugural da primeira turma de Comunicação Social/Jornalismo da UFU. Um marco histórico na vida de 40 alunos, de duas professoras e da universidade. Na verdade, foi uma semana de eventos, com visitas técnicas à Rádio e TV Universitária (RTU), e palestra com o renomado professor José Marques de Melo. Um dia em que ajudamos a plantar uma amoreira, nas proximidades do Bloco G, para simbolizar o início de tudo.

Sabíamos que os desafios seriam inúmeros - desde reivindicações por laboratórios, computadores e máquinas fotográficas até esforços para obter reconhecimento do MEC. Com base no lema “Quantidade não é qualidade”, reconheço que as duas

professoras, Adriana Omena e Mirna Tonus, que representavam todo o corpo docente, assumiram a missão de planejar percursos e buscar alternativas para fazer o curso se expandir e garantir seu espaço na instituição.

O curso ofereceu muitas atividades - programas de graduação e disciplinas que exigiam a prática. Desde cedo, a aluna Cindhi Belafonte fez parte da turma engajada em pesquisa. “Particpei do Programa de Iniciação Científica por dois anos e meio; seis meses como voluntária em um projeto e os dois anos seguintes como bolsista”, afirma. Lucas Felipe também participou desses programas, mas deixou claro “que sua praia era mesmo o telejornalismo”. Para ele, os melhores momentos foram aqueles que exigiram superação. “Seja na primeira entrevista com uma personalidade ou na apresentação de um artigo científico em um congresso”, diz.

No caminhar dos períodos, entendemos a expressão “botar a mão na massa”. Podemos citar Rádio e Tele, passando por Fotojornalismo. Quando pedi à Natália Santos que contasse uma experiência marcante durante esses anos, ela me respondeu que tinha sido durante a realização

do Projeto Experimental, no 7º período. “O tema do meu grupo foi o trabalho dos voluntários no Hospital do Câncer. Foi maravilhoso. Vivemos muitas emoções lá”, comenta.

### Tensão

Estaria mentindo quem dissesse que não pensou em trancar determinado período e “fazer outra coisa”. Bem, esta é a conhecida “crise do meio curso” e a queda da obrigatoriedade do diploma para jornalista logo no primeiro semestre deu uma forcinha! Mas a maioria dos alunos que passam por ela precisa ter sabedoria para lidar com as questões que surgem.

Stella Vieira me disse que passou por duas crises. “A vontade de desistir foi muito grande, mas fiquei com pena de desperdiçar três anos da minha vida, então decidi ir até o fim”, diz. Por isso, o que vale no final das contas é a determinação. Aline de Sá foi categórica ao dizer que tinha uma única opção: enfrentar as tais crises e se formar. Tatiana Oliveira afirma: “Eu não tive essa crise no Jornalismo. A ideia de saber que poderia fazer parte da construção de um curso foi emocionante”, diz.

### A história continua...

Fazendo um balanço de todas as etapas, é possível identificar alguns prós e contras. Gente quem diz que não somos uma espécie de grupo de teste. Quanto a isso, Mirna afirma que a ideia é mudar o que não deu certo e manter o que funcionou com os outros alunos. “Nessa construção, você vai aprendendo. Temos que adaptar e fazer diferente para melhorar cada vez mais”, garante a professora. É preciso transpor essa primeira impressão de “cobaias” e perceber que o mercado de trabalho está à nossa espera, como bem lembrou Aline, mas sem jamais tirar o nosso mérito: “Deus sabe o que foi mendigar computadores em uma sala sem ventilador ou ar-condicionado. As últimas turmas nem sonham o que passamos para ter laboratórios e voz dentro da universidade”, completa.

Por essas e outras, é que a 1ª Turma de Jornalismo da UFU deixa a universidade com a sensação de dever cumprido. Pois escrevemos os primeiros capítulos dessa história e passamos a caneta para que os próximos aprimorem nossa obra-prima com esforço, dedicação e simplicidade.



“Um retrato na parede”: recordar é viver